



## **Opinião pública, uma revisão de conceitos<sup>1</sup>**

Kamilla dos Santos DOURADO<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Brasília, Taguatinga, DF

### **Resumo**

O termo opinião pública é usado e discutido todos os dias e em todos os ambientes, sobretudo pela imprensa. Porém, nem todos entendem o significado do termo, nem sua importância histórica. Movido pela curiosidade esse trabalho tem como principal objetivo conhecer o surgimento do termo opinião pública, sua evolução e o seu estudo nas teorias comunicacionais. O artigo não busca fazer um mapeamento da extensa literatura sobre o tema da Opinião Pública, mas analisar o que alguns pesquisadores da temática observaram, considerando o contexto histórico da época.

### **Palavras-chave**

opinião pública; comunicação; esfera pública

### **1 Introdução**

A imprensa é uma das grandes, se não a maior, veiculadora de informações da e na sociedade. É através dela que os indivíduos sabem o que está acontecendo em sua cidade, seu estado, país e no mundo. Mas além de ser uma grande provedora de informações, que são divulgadas por jornalistas que carregam em seus textos um pouco de sua vivência particular – a chamada bagagem cultural –. A imprensa também veicula opinião de forma explícita, como nas colunas de especialistas, comentaristas políticos, econômicos, esportivos, que influenciam a audiência, e interpretação. Além do jornalismo, outras vertentes da comunicação, como a publicidade, têm um caráter influenciador.

Quando se fala em influenciar o público, vem logo à mente o termo opinião pública. A comunicação, sobretudo o jornalismo, tem, sim, o poder de trazer assuntos à tona, fazer as pessoas refletirem sobre determinado tema. De qualquer forma, não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília - DF, email: [kadourado.ucb@gmail.com](mailto:kadourado.ucb@gmail.com)



podemos dizer que a comunicação, a imprensa, realiza apenas uma “transferência de informações”. Esse conceito já foi estudado nas primeiras teorias comunicacionais do *Communication Research* – Estados Unidos, anos 20 –, como na Teoria Hipodérmica, amparada pelas teorias behavioristas que entendiam a ação humana como resposta a um estímulo. Mas esse modelo hipodérmico não prevaleceu, sendo superado, pelas teorias que focavam nos efeitos das mensagens nos indivíduos, considerando os fatores psicológicos, sociais, a organização das mensagens. Vejamos o que Niklas Luhmann – em a *Improbabilidade da Comunicação* – destaca sobre a comunicação, sua influência e relação com o indivíduo:

[...] a comunicação não pode ser entendida como uma “transferência” de informações, relatos ou unidades significantes, de um lado a outro. [...] Logo a comunicação só pode ser entendida como a disseminação da informação dentro de um sistema – como uma disseminação que utiliza a informação para conduzir à informação e desta muda a informação bem como o estado do meio no qual a informação cria formas. A comunicação é a criação de uma realidade emergente, nomeadamente da sociedade, que, por seu lado, assenta na reprodução contínua da comunicação pela comunicação. Esta pode ser a causa de efeitos de união nos sistemas conscientes individuais tanto como de irritações, dissociações e rejeições, passageiras ou permanentes. O que quer que uma consciência inicie através das suas próprias experiências comunicativas é sempre da sua conta e conduz a uma indescritível multiplicidade de formas. A emergência de uma rede comunicativa reproduzida autodinamicamente só oferece a oportunidade de ter tais experiências repetidamente, não as determina (LUHMANN, 1993, pg. 71-72).

## 2 Surgimento

O termo que conhecemos no século XXI como opinião pública remonta há três séculos. Os espaços comuns de convivência de Londres do século XVII, – como os jornais, os cafés, os “clubs” – são o berço desse fenômeno, apesar de a expressão só ter começado a ser conhecida por opinião pública no final do século XVIII na Inglaterra e, depois foi se espalhando pela França e Alemanha. Entretanto, esses locais (espaços comuns de convivência) só podiam ser freqüentados pela alta burguesia, o que, a princípio, excluía as camadas mais baixas da sociedade. Tendo em vista esses aspectos, pode-se inferir que o termo necessitava de duas condições para nascer, uma ideológica e uma sócio-econômica. (LEBRUN, 1983)

Ao longo desses três séculos, teóricos destrincharam o assunto desde a sua gênese, buscando entender sua formação, desenvolvimento e, principalmente a sua



influência nas tomadas de decisões dos governantes. Apesar de ser um termo tão estudado, não há consenso sobre o conceito do fenômeno opinião pública. Ou seja, há a indefinição de um conceito geral que abarque as características de todos os públicos e suas especificidades.

Como mostra Sidinéia Gomes Freitas, os pesquisadores da opinião pública a consideram um estudo interdisciplinar, pois transita pela Sociologia, Ciência Política, Direito, Psicologia Social, Comunicação entre outras. Esse é um dos motivos de não se achar uma única definição para expressão (Freitas, 2001).

## **2 Esfera pública burguesa**

Para se iniciar essa revisão é importante conhecer um dos primeiros teóricos a estudar e fundamentar o termo opinião pública, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, que não estudou apenas a questão da opinião pública, mas também da esfera pública – os espaços onde os assuntos são discutidos – no livro *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, traduzido como *Mudança Estrutural da Esfera Pública* –, apontado, por diversos pesquisadores da opinião pública e da comunicação, como fundamental e um ponto inicial nessa temática de pesquisa. Segundo o teórico Gérard Lebrun (1983), nesse livro, Habermas tem uma ideia “exigente demais” do que deva ser uma opinião pública, pois coloca em questão a participação da sociedade na “esfera pública” como um “ideal cívico”, da mesma forma que a burguesia dos séculos XVIII e XIX. Para ele as pessoas estão mais preocupadas em opinar sobre os artistas midiáticos.

Lebrun questiona, porém, se não é essa posição de Habermas que facilita, para ele, nos mostrar a “catastrófica opinião pública, no século XX, relativamente ao modelo que ele nos propõe” (1983). Mas para melhor avaliar o pessimismo do filósofo alemão, Lebrun “passeia”, com o autor, pela história da formação do fenômeno opinião pública.

Os burgueses eram os maiores frequentadores dos espaços públicos – berço da opinião pública – e os detentores de maior conhecimento, donos de um discurso racional. É a essa esfera pública a qual Habermas se refere, burguesa, politicamente decidida e atuante, contrária ao absolutismo. O interesse da burguesia configurava a base de apoio da opinião pública. Ironicamente, foi essa defesa de interesses da burguesia, fundamentados pelo desenvolvimento do capitalismo, fim da livre-concorrência, que pedia a interferência do Estado, nesse momento já a favor dos burgueses, o que fez com que esse cenário modificasse a esfera pública burguesa até



levá-la à decadência. A esfera pública começa, então, a receber as camadas não-burguesas, que penetraram nas instituições – imprensa, partidos e parlamentos – antes só freqüentadas pela burguesia. A classe burguesa perde também a sua função política. Habermas tinha a concepção de uma esfera pública burguesa que buscava o bem público comum. Em trabalho publicado em 1996, lançou uma definição, ao seu ver, mais atualizada sobre esfera pública:

A esfera pública pode ser melhor descrita como uma rede para se comunicarem informações e pontos de vista (i.e. opiniões expressando atitudes positivas ou negativas); os fluxos de comunicação, são no processo filtrados e sintetizados de tal modo que se aglomeram em feixes de opiniões públicas tematicamente específicas. Tal como o mundo e da vida como um todo, a esfera pública também é reproduzida através da ação comunicativa, para a qual o domínio da língua natural é suficiente; ela é configurada para a compreensibilidade geral da prática comunicativa do dia-a-dia” (Habermas, 1996:362).

### 3 Opinião pública na França de 1789

Após a queda da esfera pública burguesa, e as instituições – cafés, salões literários – não mais como seus locais exclusivos de reunião, é a imprensa, no final do século XVIII, a porta-voz do público burguês.

O filósofo brasileiro Milton Meira do Nascimento – no livro *Opinião Pública e Revolução: aspectos do discurso político na França Revolucionária* – faz uma análise das ideias de um grupo de “intelectuais revolucionários” organizadores de uma teoria da opinião pública e o papel dos intelectuais durante uma revolução na tentativa de esclarecer, orientar a população na derrubada de um governo autoritário, usando a imprensa como fiscalizadora, era o *Cercle Social*, que tinha como órgão oficial o *Le Bouche de fer*, – um jornal – que pretendeu divulgar opinião, ideologia, política, teologia do Verbo Divino, apropriando-se de conceitos de Rosseau para modificá-los [...]. Os membros do Círculo Social, auto-denominados “Amigos da Verdade e Justiça”, apregoavam que, através da liberdade de imprensa, era possível formar uma opinião pública que, por sua vez, promoveria a revolução. (NASCIMENTO, 1989).

Nascimento afirma que para a maior parte dos intelectuais revolucionários do *Círculo Social*, à época – seus principais textos datam de 1790 a 1793 –, era importante que se ouvisse a opinião pública, como uma espécie de julgamento sobre o que ocorria



na sociedade. Daí infere-se a importância da opinião pública nesse período, período em que o termo começa a ganhar os contornos que conhecemos hoje. O autor arrisca a definir a teoria dos seguidores liderados pelos fundadores do *Círculo Social*, Claude Facht e Nicolas de Bonneville, “é uma teoria de opinião pública ligada à teoria do verbo criador da tradição judaico-cristã”. (NASCIMENTO, 1989, pg. 23).

A filósofa brasileira Marilena Chauí, no prefácio do livro de Nascimento, afirma que “a opinião pública é o encontro entre a razão e o povo esclarecido, torna-se lugar da verdade e seu poderio depende de conseguir impor-se aos homens no poder”. Ela acredita na opinião pública como arma de defesa da liberdade de expressão, isto é, através da liberdade de imprensa.

#### **4 Opinião Pública e teorias da comunicação**

As teorias surgem a partir da observação da realidade, “uma teoria é um sistema de enunciados, um corpo organizado de idéias sobre a realidade ou sobre um aspecto da realidade”. (França, 2001, pg. 47). Surgiram entre os anos 20 e 70 um grande número de teorias da comunicação, mas cada uma seguia uma linha determinada. Nos final dos anos 70 iniciou-se, nos Estados Unidos, o *Communication Research*, uma reunião de diversos pensadores que atuavam em conjunto na busca da compreensão de todo processo comunicacional. Essas pesquisas inauguram uma nova frente de estudos.

Foi através de pesquisas de opinião pública que surgiu a teoria comunicacional da espiral do silêncio, desenvolvida pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann desde 1972. O pensamento da espiral do silêncio nasceu da preocupação chamar a atenção das pessoas para a influência da mídia, principalmente da televisão, nas vidas das pessoas. Em 1984, nos Estados Unidos, Noelle-Neumann lançou sua teoria no livro *A espiral do silêncio – Opinião pública: nossa pele social*.

O que chamou a atenção de Noelle-Neumann para as questões de opinião foram as pesquisas desenvolvidas no Instituto Allensbach sobre as indagações feitas aos alemães sobre si mesmos, o resultado foram respostas que evidenciavam uma baixa auto-estima que decaía ano após ano. Intrigada com isso, Noelle-Neumann começou a pesquisar os programas de televisão do mesmo período, notou que, a maioria das referências ao caráter alemão eram negativas. Intuiu então, que essas referências tinham um caráter influenciador acumulativo sobre o que as pessoas deveriam pensar, fazer,



opinar. Para entender como funcionava essa “conexão” entre mídia e opinião, decidi desenvolver estudos baseados em pesquisas de opinião sobre temas diversos.

O professor e comunicólogo brasileiro, Antônio Hohlfeldt, destaca que a hipótese espiral do silêncio de Noelle Neumann é caracterizada por dois conceitos desenvolvidos através de suas pesquisas: o de clima de opinião e o da própria espiral do silêncio (Hohlfeldt, 2001, p. 229).

O efeito denominado clima de opinião, o ponto central da hipótese de Elisabeth Noelle Neumann, é caracterizado pela manifestação de uma opinião, que o indivíduo acredita ser o escolhido pelas outras pessoas, independente do que sintam. Hohlfeldt explica:

“Assim, ao perceberem – ou imaginarem – que a maioria das pessoas pensa diferentemente delas, essas pessoas acabam, num primeiro momento, por se calarem e, posteriormente, a adaptarem, ainda que muitas vezes verbalmente, suas opiniões às dos que elas imaginam ser a maioria. Em consequência, aquela opinião que, talvez de início, não fosse efetivamente a maioria, acaba por tornar-se a opinião majoritária, na medida em que se expressa num crescente movimento de verbalização, angariando prestígio e alcançando a adesão de indecisos (Hohlfeldt, 2001, p. 230 – 231)”.

Assim, para Noelle Neumann, a opinião pública é aquela dominante, a opinião daqueles que se expressam livremente. As pessoas têm suas crenças individuais baseadas no que acham que a maioria pensa. Essa influência exercida sobre os indivíduos, daquilo que elas pensam que é o pensamento da maioria “realiza-se num movimento constante, no tempo, ascensional”, daí *espiral do silêncio* “porque tenderá a ampliar-se, crescendo à medida mesmo que faz com que os demais que eventualmente se lhe oponham silenciem, ou sejam silenciados” (Hohlfeldt, 2001, p. 231 – 232).

Neumann define, “Apoiando-se sobre este conceito de um processo interacionista engendrando uma ‘espiral do silêncio’, define-se a opinião pública como esta opinião que pode ser expressa em público sem risco de sanções, e sobre a qual pode apoiar-se a ação levada em público” (Neumann, 1991, p.182)

Os pressupostos que sustentam a teoria de Noelle Neumann são de ordem psicológica social. As pessoas têm medo do isolamento, de serem rejeitadas por não terem uma opinião concomitante com as demais. Eles são ameaçados pela própria



sociedade e têm medo desse isolamento, de serem excluídos, por esse motivo há uma constante avaliação do clima de opinião, do que as pessoas estão pensando, qual tendência seguindo.

Mauro Wolf também se manifesta acerca da hipótese levantada por Elisabeth Noelle Neumann, dando sua opinião:

“O ponto crucial da espiral do silêncio é, segundo a minha opinião, a observação de que os mídia não se limitam a representar as tendências da opinião pública, mas que, ao contrário, lhe conferem concretamente forma e desenvolvimento. Contudo, não se pode dizer que os mídia criam a opinião pública enquanto os deslocamentos de tendência não se verificarem de modo autônomo em relação à ação dos mídia, mas que estão estreitamente vinculados a ela ( Wolf, 1994, p. 72)”.

A hipótese da espiral do silêncio ressalta a força que os mass media tem de provocar o silêncio. Neumann aproxima os temas mass media e opinião pública.

Apesar das convicções e estudos de Neumann, alguns estudiosos acreditam que a opinião pública não existe tal qual as pesquisas, denominadas pesquisas de opinião, muito usadas tentam mostrar. O sociólogo francês Pierre Bordieu deixa clara a sua posição no capítulo *A opinião pública não existe* no livro *Questões de Sociologia*.

“Em suma, o que eu quis dizer foi que opinião pública não existe, pelo menos não na forma que lhe atribuem os que têm interesse em afirmar a sua existência. Disse que por um lado haviam opiniões constituídas, mobilizadas, grupos de pressão mobilizados em torno de um sistema de interesses implicitamente formulados; e por outro lado, disposições que, por definição, não constituem opinião, se por esta palavra compreendemos, como fiz ao longo desta análise, alguma coisa que pode ser formulada num discurso com uma certa pretensão à coerência. Esta definição de opinião não é minha opinião sobre a opinião. (BORDIEU, 1983, pg. 182)”.

Enquanto os estudos de Noelle Neumann evidenciam a existência da opinião pública através das pesquisas de opinião, Bordieu segue uma linha de raciocínio completamente distinta. O autor contesta a suposição das pesquisas de opinião de “que a produção de opinião está ao alcance de todos”, o valor das opiniões produzidas e o consenso sobre as questões valoradas. Para ele há distorções nessas pesquisas, apesar de toda metodologia aplicada. Entre as suas principais críticas figura a de que não existe uma opinião média, o que constantemente tentam provar nessa espécie de pesquisa.





## 5 Considerações finais

A principal motivação para esse estudo partiu da curiosidade em se conhecer o termo opinião pública, e pela falta de uma única definição que abarque todas as suas especificidades.

A caracterização da opinião pública no século XXI é o resultado de uma longa tradição de estudos e pesquisas. Cada pesquisador tratou o tema de uma forma particular, tendo como objeto de pesquisa, ora os diferentes tipos de público nas mais variadas épocas e contextos sociais. Quando se observa o foco que esses estudos tiveram, é que se percebe a interdisciplinaridade do termo, que pode ser considerado também transdisciplinar, porque perpassa a todos os assuntos discutidos na sociedade.

Foi no século XVII nos espaços comuns de convivência, onde os burgueses discutiam política, economia e artes, que o termo nasceu. Tendo essas circunstâncias como ponto de partida – a classe social, a temática, os locais -, observamos que o termo nasceu de forma “desinteressada” a fim de que as pessoas discutissem, sem grandes obrigações sociais, o que acontecia na *esfera pública* na qual conviviam. Ao longo do tempo, e tendo em vista as mudanças estruturais e de identidade cultural, que constituiu o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, permanente (HALL, 2006, pg. 12), essa perspectiva foi se aprofundando, ao ponto de que se ter a uma opinião pública tenha se tornado uma “obrigação”.

Creio que a expressão chegou ao século XXI já banalizada, pois para qualquer que seja o tema em voga tem que se ter uma opinião comum da sociedade. Há de se levar em conta, analisando a teoria de Noelle-Neumann – a espiral do silêncio –, que há outros fatores que influenciam essa tal de opinião pública, como o clima de opinião em que a opinião dada nem sempre é a que se tem, mas o que se acha que é a opinião da maioria.

Walter Lippman acredita que a opinião que as pessoas têm são “imagens pintadas em seus cérebros”, não tendo concordância total com a realidade. Nessa sua posição dialoga com Platão no Mito da Caverna, cujos indivíduos que habitavam o interior da fruta tinham a única visão do que ocorria lá fora através do que lhes era refletido na parede. Segundo Lippmann, o que é refletido nas paredes das mentes dos





indivíduos é apenas uma parte da realidade. Essas imagens vão se firmando e se tornando o que ele chama de “estereótipos”.

Há uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente, a qual nossos hábitos, nossos gostos, nossas capacidades, nossos confortos e nossas esperanças se ajustaram. Elas podem não ser uma imagem completa do mundo, mas são uma imagem de um mundo possível ao qual nos adaptamos. Naquele mundo as pessoas e as coisas têm seus lugares bem conhecidos, e fazem certas coisas previsíveis. Sentimo-nos em casa ali. Enquadramo-nos nele. Somos membros. Conhecemos o caminho em volta. Ali encontramos o charme do que é familiar, o normal, o seguro; seus bosques e formas estão aonde nos acostumamos a encontrá-los (LIPPMANN, 2008, p.96).

Entender e estudar o que é a opinião pública é necessário, e crucial, para nós, futuros comunicadores. Além de sermos transmissores de notícias somos, também, apontados como formadores dessa opinião. Portanto devemos estar, acima de tudo, cientes da nossa responsabilidade como profissionais que estão em evidência e têm o poder de evidenciar e levar a discussão de temas à sociedade.

## Referências

BORDIEU, Pierre. A Opinião Pública não existe. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, RJ: Editora Marco Zero Limitada, 1983. P. 173-182.

ESTEVES, João Pissarra. Opinião Pública e democracia na sociedade da informação.

Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em:

<http://bocc.ubi.pt/pag/esteves-pissarra-opiniao-publica.html> Acesso em: 11 nov. 2009

FREITAS, Sidinéia Gomes. Formação e Desenvolvimento da Opinião Pública. Portal de Relações Públicas e Transmarketing, 2001. Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/opiniaopublica/0017.htm> Acesso em: 16 set. 2009

HABERMAS, Jürgen. Civil society and the political public sphere. In: \_\_Between facts and norms. London, MIT, 1996). In: MAIA, Rousiley Celi Moreira. A mídia e o novo espaço público: a reabilitação da sociabilidade e a formação discursiva da opinião.

Comunicação & Política, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 131-56, 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guararaeira Lopes Louro – 11. ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



HOHLFELDT, Antônio, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (Org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEBRUN, Gérard. Morte ou metamorfose da opinião pública. In: Passeios ao léu. : Brasiliense, 1983. P. 245-254.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública; trad. Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LUHMANN, Niklas. A Improbabilidade da Comunicação, Lisboa, Vega, 1993

NASCIMENTO, Milton Meira do. Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político da França revolucionária. São Paulo, SP: Nova Stella Editorial, 1989.

WOLF, Mauro. Los efectos sociales de los media. Barcelona: Paidós, 1994. In:

HOHLFELDT, Antônio, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (Org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.